



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

NÓS DO LUGAR NA AREIA DA PRAIA

PLACE KNOTS ON THE BEACH SAND

(Recebido em 01-12-2020; Aceito em 11-05-2021)

Aline Lúcia Nogueira Medeiros

Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais– Belo Horizonte, Brasil
Técnica nível superior pleno da Associação Estadual de Defesa Ambiental e Social
alinelmed@gmail.com

Resumo

A busca pela essência da praia me colocou no movimento de pesquisa fenomenológica por meio das referências da Geografia Humanista. Que é a praia? A composição de praia que elaboro constitui, portanto, uma tradução poética das experiências do meu corpo movente em pesquisa geográfica humanista – uma tentativa de resposta à pergunta central. Embora a paisagem de praia de mar possa aparecer ressaltada, não é a única maneira dessa presentificação, que se faz no urbano seco do interior e nos cantos dos rios antes do mar. Esse artigo elabora a chegada ao mar e repercute as experiências dessa interação corpo-mundo que também faz praia. O que o corpo sente ecoa na paisagem ou o corpo sente o que a paisagem vibra. Duas maneiras de dizer logo o mesmo, pois a ligação corpo e mundo é uma via de duas mãos. Desde a areia, vislumbramos suas cadências. Sentimos seu marulhar. Transponho aqui em letra-palavra-frase-parágrafo-texto absorções dessa interação visceral corpo-mar que acontece na praia. A praia, aqui, é boca de um mar com fome. O corpo é carne sensível e consciência de mundo, vivo no presente dessa interação. Eclipsado em adentradas viscerais que transbordam paisagem sublime: mar. O sublime que, longe de se ligar a um delírio, explode no desgaste da pele e dos olhos de quem vive praia e mar, sol a sol, numa interação cotidiana; nos saberes desses povos mesmos que lutam pela permanência hoje nos seus lugares ancestrais. Relato aqui um dos seus eclipses transbordantes¹.

Palavras-chave: Praia; Mar; Lugar; Viagem; Corpo.

Abstract

The search for the essence of the beach put me in the phenomenological research movement through the references of Humanist Geography. What is the beach? The beach composition that I elaborate therefore constitutes a poetic translation of the experiences of my moving body in humanistic

¹ Esse texto constitui um extrato da minha dissertação de mestrado. Consiste em um esforço investigativo e reflexivo para compreender a essência desse espaço à beira-mar característico que é a praia. Essência aqui diz de uma influência assumidamente fenomenológica e inserida no campo da Geografia Humanista.

geographic research - an attempt to answer the central question. Although the sea beach landscape may appear highlighted, it is not the only way of this presentification, which is done in the dry urban interior and in the corners of the rivers before the sea. This article elaborates the arrival at sea and reflects the experiences of this body-world interaction that also makes the beach. What the body feels echoes in the landscape or the body feels what the landscape vibrates. Two ways of saying the same thing right away, for the connection between body and world is a two-way street. From the sand, we glimpse its cadences. We feel its ripple. We transpose here in letter-word-phrase-paragraph-text absorptions of this visceral body-sea interaction that happens on the beach. The beach here is the mouth of a hungry sea. The body is sensitive flesh and world consciousness, alive in the present of this interaction. Eclipsed in visceral entrances that overflow sublime landscape: sea. The sublime that, far from being linked to a delusion, explodes in the wear and tear of the skin and eyes of those who live beach and sea, sun by sun, in a daily interaction; in the knowledge of these very peoples who struggle to remain today in their ancestral places. I report here one of its overflowing eclipses.

Key words: Beach; Sea; Place; Travel; Body.

Apresentação: águas de prelúdio

A busca pela essência da praia me colocou no movimento de pesquisa fenomenológica por meio das referências da Geografia Humanista. Que é a praia? Para compreender essa pergunta, me volto para as diferentes formas em que ela aparece. Parto, porém, do interior do país, longe do mar. Embora a paisagem de praia de mar possa aparecer ressaltada, não é a única maneira dessa presentificação, de forma que a composição “praia” que responde à pergunta movente proposta se delinea por meio de diferentes experiências de praia.

O movimento que empreendo para compreensão da praia me leva num caminho de pesquisa. As ideias que se desenvolvem compõem um conjunto: esse é um dos quatro artigos que abordam as diferentes formas que a praia se presentifica para o viajante do interior. Dos quatro, temos: a praia que criamos na cidade, urbano seco, em uma transgressão de festa, suor e água, paisagem sonhada em conjunto que extrapola os limites dados, faz política e vivência sensível; o viajante do interior que corre rio até o mar, no sentido dos desaguares em foz, e encontra as praias interiores no caminho; o viajante do interior que encontra a água salgada na areia, vive o canto de sereia do mar e faz concha na praia – esse artigo; e, por fim, praqueles pés habituados a cruzar areia e água salgada, a comer seus alimentos, a viver seus humores, limites e permissões, o habitante da praia que sabe ouvir os ecos da paisagem de mar.

A composição de praia que elaboro constitui, portanto, uma tradução poética das experiências do meu corpo movente em pesquisa geográfica humanista – uma tentativa de resposta a pergunta central: que é praia? Esse artigo elabora a chegada ao mar e repercute as experiências dessa interação corpo-mundo que também faz praia. Trata, em um primeiro momento, da experiência da praia por quem chega – a busca do desfrute da paisagem. Elaboro essa paisagem por meio da descrição da

interação corpo-praia-mar, das experiências íntimas que nodulam lugares na paisagem. Na sequência, avança num esboço de experiência para evidenciar a interação corpo-praia-mar que habita e se traduz num lugar. Um adendo é feito mediante a aproximação conflituosa entre a praia habitada pelas gentes do mar e a praia mercadoria, empreendimento lucrativo para poucos. Por fim, uma contribuição ao desvelamento da composição essencial “praia” elaborada pelo viajante do interior: da praia paisagem ao lugar das gentes do mar.

Chegada: a paisagem de mar

O mar se lança na paisagem, a perder de vista. Insinua um mundo absurdo, no qual adentramos apenas na beirada. Adentrar ligeiro que nos apazígua ao ligar nossos corpos pela água, tecido fluido, com a distância do horizonte. O horizonte, difusão de céu e mar, não chegar a ser uma linha, mas antes sua ausência. Testemunha de continuidades e mistérios.

Complementando o espraio do mar, temos o céu. Mas não assim, em sequência. É a simultaneidade da presença que esmaga. O mar dança segundo a cadência do céu, seus humores compartilhados. Largo céu azul e limpo que espraia um mar calmo e uma praia fresca. O sol despontando acima queima sem empecilho a carne exposta das gentes. Muitas vezes, as fofas nuvens brancas que correm o céu azul trazem o testemunho dos ventos e da sombra. O céu, abertura de luz e escuridão, traz um ritmo para as águas, mas também distribui suas cores.

Pro corpo que treme na água recuada à espera de uma nova onda, a sombra das nuvens faz frio. Corta o sol, alento da pele arrepiada. O céu é abertura de exposição, mas também composição de praia. É, ainda, presença irrevogavelmente consultada acerca da possibilidade de desfrute da praia.

O céu se alinha ao mar também na desordem trovejante da tempestade. Para Dardel (2011), a tempestade revela brutalmente o desejo do mar de tragar as gentes. “Contra o homem, acima do homem, força hostil e superior, o mar em fúria faz às vezes pensar que uma potência sem alma surge das entranhas do mundo” (DARDEL, 2011, p. 21). Não é disparatado ver essa mesma potência atirando raios e rimbombando trovões quando temos constantes alertas dos perigos da praia tempestuosa. Começa os raios a cair na areia, e as gentes correm em desocupar. A queimadura concentrada de descarga do céu é intensa e fulminante.

Caminhar pela praia, lado a lado com o mar, em um esforço de cobrir toda sua extensão, é uma forma sutil de desfrute. A praia tem também seu próprio horizonte de areia. Ao caminhar pela praia colocamos o corpo em movimento, pés na areia, cabeça ao sol ou ao céu, em uma quase irmandade com o mar que também a percorre. Existe essa vontade de cobrir toda sua extensão que

frustra os pés despreparados quando a praia é quilométrica. A extensão da praia engana, impulsiona o corpo sempre a frente, faz parecer possível caminhadas longas, que não faríamos de outra forma.

É uma conquista praiana ir de lado a lado, cobrir toda a praia com a intercalação dos pés, pegadas que são logo lambidas pela água. Se o horizonte do mar é para os olhos, o da praia é para os pés. É responder a impossibilidade de caminhar pelo mar cobrindo todas as pontas da praia, comendo suas beiradas. Mas há aquelas que caminham a praia não instigados pela imensidão impossível do mar, mas pelo prazer das mãos que tocam e dos olhos que descobrem pequenos tesouros. Primeiro os olhos vasculham, famintos, a areia. Depois o corpo se joga, ombros e cabeça, coluna que curva depois. Os pés firmam, mas não desbravam aqui. As mãos chegam e pegam, a cabeça não se joga ao céu, mas ao chão. Descobrem algas singelas e variadas, emborrachadas, verdes, roxas, vermelhas, brilhantes, fosforescente. Ou conchas: grandes, pequenas, esféricas, gêmeas, habitadas ou não. Gaston Bachelard (1978), filósofo dos elementos, possui um capítulo inteiro para nos contar acerca dos devaneios de concha em sua procura por imagens da casa, do lar. Isso porque a concha insinua um devaneio de casa em meio a amplidão inabitável do mar.

O filósofo dos elementos também nos diz: “O primeiro esforço da vida é fazer conchas” (BACHELARD, 1978, p. 271). O que são as conchas, então? São devaneios de casa. Fazer conchas pode ser entendido assim como um se abrigar, uma vez que Bachelard busca nas conchas imagens da casa. Entretanto, é sabido que o mar não tem canto, não para nós. Quando ele encosta, temos praia.

Ao encostar as conchas aos ouvidos, buscamos ouvir não apenas os sons das ondas, mas também a possibilidade de uma ligação concreta com suas profundidades, de concha ou de mar não importa. Ihimaera (2012) relata, em seu romance “A encantadora de baleias”, sobre uma comunidade maori, povo nativo neozelandês, o que um personagem escuta ao ouvir a concha. Isolado de casa, em viagem de descoberta do mundo e de si, recupera a concha encontrada na água. Diz: “Tinha-a trazido para praia e estava escutando o murmúrio do mar que vinha de dentro da espiral prateada da concha. [...] hoki mai, hoki mai ki te wa kainga, cochichou o mar. Volte para casa” (IHIMAERA, 2012, p. 77-8). Ao ouvir as conchas, buscamos intimidade. Buscamos estreitar nossa interação com esse espaço impossível para os nossos pés, cujo desfrute apenas conhecemos a partir da praia. O som da concha, destinado apenas ao ouvido que se aproxima dela, é uma espécie de comunicação direta com a profundidade, da vida ou do mar tanto faz. A concha, com sua existência singela, liga o ser humano ao mar na possibilidade de um lugar. Assim, não é à toa que o mar sussurra ao homem que “volte para casa”. Sua casa era mesmo ali, à beira-mar, com as conchas.

Em samba nacional, música denominada “Lenda das sereias” (MATTOS et. al, 1976), ouvimos:

Mar, misterioso mar
Que vem do horizonte

É berço das sereias
Lendário e fascinante

O mar, distante, líquido e profundo, é mesmo misterioso. Mistério que vem da sua profundidade, que não nos é dada habitar. Ele esconde de nossas mãos e olhos vidas inúmeras. Trama suas animalidades características. Na praia, nos aproximamos dele. Sentimos sua textura, suas impossibilidades e suas carícias. O mar fascina e atrai, mas com promessas de sereia.

Sereias pululam as mitologias de diversos cantos do mundo, inclusive nacional. Iara, “senhora das águas” no tupi, parte mulher parte peixe (por vezes, cobra) habita os rios caudalosos do norte amazônico. Como as águas, essas sereias são perigosas. Fascinantes, porém mortíferas para quem é seduzido. Esses bichos meio humanos meio peixes, que vivem nas águas sem se afogar, seduzem quem os escutam em suas promessas de prazer, mas que só levam para a morte.

Assim como as conchas, com as quais devaneamos seres mistos, compartilhamos o abrigo das profundezas do mar com as sereias. Algo sobre a impossibilidade de habitar o mar, verdadeiramente, também nos estimula no desfrute e procura da praia. Nossa imaginação coloca olhos humanos a espreitá-lo onde não podemos ir.

Semelhante às próprias sereias, o mar seduz. “O ‘império das ondas’ é revelação de profundidade e, por vezes, do chamado do abismo, como mostra a lenda das sereias: encanto enganador que vem do reino das sombras” (DARDEL, 2011, p. 21). Dardel associa ao mar o chamado do abismo, que evoca mistério e morte. A sedução do mar, tal qual a do abismo, vem da curiosidade que desperta seus mistérios, vem da fascinação que atrai o corpo em deslumbre. Mas não só isso. A vida não é isenta do desejo de morte. Pelo contrário. Já se deixar seduzir é uma pequena morte. Parte do que se é sucumbe em nome de outra coisa. A morte é sempre uma possibilidade no mar. A praia é boca de um mar com fome.

A praia é o último solo antes do mar. É o que nos liga a ele. É para ela que voltamos depois da imersão. A possibilidade de “fazer concha” na praia vem da contrapartida do mar, com suas promessas de sereia. A paisagem do mar atrai o corpo das gentes, seduz, mas a impossibilidade desse contato é atestada na praia, que abriga. A praia é lugar de desfrute da paisagem impossível do mar.

O corpo que se aproxima do mar, que a praia abriga, é um corpo desnudo. A nudez se afirma na ausência das roupas cotidianas, mas também nos pés descalços. A nudez não é um estado do corpo que vivencia a praia, mas antes o corpo em si, destituído de acessórios fabricados, dos panos sobre panos que o cotidiano exige. Michel Serres, filósofo das sensações, nos fala sobre a pele do corpo. A pele aponta aqui como nosso limite existencial que está nessa ininterrupta interação com o mundo.

Nossa veste cutânea traz e expõe nossas lembranças, não as da espécie, como acontece com os tigres e jaguares, mas as da pessoa, a cada um sua máscara, sua memória exteriorizada. Nós nos cobrimos de capas ou mantas por pudor ou vergonha de mostrar nosso passado, nossa passividade, para esconder nossa pele historiada, mensagem privativa, mensagem caótica, linguagem indizível, demasiado desordenada para ser compreendida, e substituí-la pela impressão convencional ou cambiável das roupas, pela ordem simplificada do cosmético (SERRES, 2001, p. 32).

À beira-mar, o corpo é mais visível. Visibilidade é apenas uma das formas de o corpo ser fora, expressão. Também o tato, o cheiro e o gosto o desvelam, da mesma maneira que o mar é desvelado por todos os nossos sentidos. Na interação pertinente a vida, temos pontes que captam o mundo fora e dentro na pele, mas também no tecido do mundo. A praia é braço da terra em trânsito entre o que se expressa e o que se esconde. Nela nos revelamos para depois nos escondermos.

Para o caminhante do interior, ela é a novidade, o sopro que percorre o corpo que se desnuda. A recepção desse corpo nu, dessa vulnerabilidade exposta, pode ser velada, violenta ou alegre. “Um corpo não está somente fora: ele mesmo é um fora. Dessa vez não o fora-nada mas o fora-dentro” (NANCY, 2015, p. 7). O corpo é um fora porque se faz ver e sentir pelo outro. Expõe a existência, se projeta para fora. Mas também é dentro, pois é vivo, sensível. É dentro sem ser dentro somente, pois é exposto. A existência é dentro e fora, que é a mesma coisa, é corpo. O corpo é interação sensível com o mundo, é fora e dentro.

Já o fora-nada se revela como o próprio espaço. É o corpo de fora do corpo de dentro. Tudo que não é imediatamente sensação, mas é sensível, transitório e fluido. O fora-nada é o espaço, que se expande para além do fora-dentro que o habita. A praia e o mar são ambos foras-nada da existência do mundo, o corpo de fora dos fora-dentro que os vivenciam.

O corpo é exposição. Vulnerável às infinitudes da paisagem, desejoso desse contato, ele se estende na praia. O corpo se abre para o mar e na abertura ele se revela. Revela sua existência cotidianamente encoberta. Temos todos nossos desembolares de existência. As marcas do corpo e a pele historiada nos dizem isso. O que a praia abarca é a vulnerabilidade de se fazer visível e sensível através do corpo desnudo. Ela incita e às vezes, para quem não se adequa ou ainda não se aceita, a praia é uma violência.

Justamente por essa provocação é possível se fazer forte na praia. Não se trata apenas de enfrentar as ondas, força física do corpo que se mantém respirando em meio ao enrolar e a perdição das ondas que quebram e te jogam para dentro d'água. Mas a força de se mostrar enquanto corpo historiado que é, de se colocar exatamente no lugar que é seu, ser inteiro fora-dentro assumido. Nesse sentido, a água que esconde o corpo é também a que o revela. Aceitar o corpo próprio pode trazer a noção de liberdade que vislumbramos na praia.

A praia é violenta e íntima. “A intimidade é o lugar onde a heterogeneidade se exprime e explicita como tal. À intimidade sempre corresponde, de uma maneira ou de outra, a nudez. O corpo nu é o corpo íntimo” (NANCY, 2015, p. 15-6). É a possibilidade da nudez que faz a praia tão íntima. Ela revela os corpos, mas também o que nos corpos queremos deixar escondido. É na intimidade que os corpos se expõem, nas suas existências singulares e diversas, na heterogeneidade que os compõe. Para além das dicotomias, dos padrões, dos esquemas. Por si, em seus gostos e falhas, na pele historiada.

O espaço da intimidade, por essência, é o lugar. “A definição de lugar exigiria fronteiras, no entanto ele se organiza como um nó, aberto e fechado, como uma estrela, ou um corpo vivo” (SERRES, 2001, p. 252). Como um nó, o lugar nos liga o corpo e ao mundo. Nos faz realidade de tecido conjunto, num pertencer. Quando o corpo se abre e se expõe em interação sensível com o mundo, pertencemos.

O geógrafo estadunidense, Yi-Fu Tuan (2013), busca a compreensão do lugar e do espaço, sob a luz das experiências que os compõem. Embora suas reflexões acerca do lugar se desenvolvam em outros termos (PÁDUA, 2013), é relevante o que o autor afirma acerca das experiências íntimas.

As experiências íntimas jazem enterradas no mais profundo do nosso ser, de modo que não apenas carecemos de palavras para dar-lhes forma, mais frequentemente não estamos sequer conscientes delas. Quando, por alguma razão, assomam por um instante à superfície de nossa consciência, evidenciam uma emoção que os atos mais deliberados – as experiências ativamente procuradas – não podem igualar. As experiências íntimas são difíceis de expressar. Um simples sorriso ou um contato pode alertar nossa consciência sobre um momento importante. [...] Os momentos íntimos são muitas vezes aqueles em que nos tornamos passivos e nos deixam vulneráveis, expostos à carícia e ao estímulo de nova experiência (TUAN, 2013, p. 167-8).

A praia, apreciada nos termos de sua paisagem sensível, se coloca como lugar na possibilidade da abertura que expõe o corpo íntimo e o desvela. As experiências íntimas, embora possam ser ativamente procuradas, geralmente nos conectam, em um nó quase certo, no seu acontecer espontâneo. Passivos e vulneráveis, expostos à carícia das gentes ou do mundo, estimulados pela devir da experiência: tudo isso pode configurar uma vivência de praia. Para além da vergonha e do medo do corpo exposto.

Para os olhos que observam, é difícil mesmo determinar qual é uma experiência íntima. As experiências íntimas não necessariamente ocorrem segundo o peso da vivência, em termos de significado social/cultural ou ritual. Elas podem passar despercebida até o momento em que o corpo relembra e articula seu desvelar.

A praia se coloca como possibilidade de abertura para a intimidade revelada. Nesse sentido, nos lembra o sentido do vasto para Bachelard (1978). A praia nos conecta ao mar, traz a possibilidade

de abrigo frente a sua imensidão. No acontecer vasto dessa paisagem que se estende em águas salgadas até o horizonte, vem a ajuda para o desvelar íntimo. Nesse sentido, somos ecos da imensidão na intimidade.

A intimidade sempre expõe ou é exposta pela vulnerabilidade, pela abertura do corpo ao mundo ou ao outro. O nó do lugar é a possibilidade da abertura e a fragilidade com o que isso acontece, podendo ser vivido também na apreciação de uma paisagem. O lugar enquanto essência espacial não necessariamente corresponde ao lar, à casa. Pode ir além disso.

Alain de Botton (2012), escritor do ordinário, afirma sobre a possibilidade de limitação das gentes em casa. “Não é necessariamente em casa que melhor encontramos nosso verdadeiro eu. A mobília insiste que não podemos mudar porque ela não muda; o espaço doméstico nos mantém amarrados à pessoa que somos na vida comum, mas que talvez não sejamos essencialmente” (BOTTON, 2012, p. 62-3). Ainda que a ideia de contrapor o que somos na vida comum a uma possível existência em essência me pareça confusa, já que a essência abarca tudo o que somos, a ideia central é interessante. Botton afirma que o espaço doméstico pode nos manter amarrados, num sentido de contenção. O lar pode conter as gentes, num sentido de abrigar mas também de limitação. A casa pode ser um lugar confuso e triste também por causa disso. Do nosso se revelar em intimidade e vulnerabilidade não ser bem recebido por aqueles com quem compartilhamos a casa, seja porque motivo for. Em geral, intolerância.

Dessa forma, a intimidade que a praia traz é afim da imensidão, de se abrir e expandir. É também proporcionada pela possibilidade de abrigo. Nesse sentido, sentimos um lar nesses cantos do mundo onde podemos nos aconchegar por alguns instantes. A legitimidade da propriedade deles só define os desafios que teremos que enfrentar para nos acomodar, jamais a condição de lugar. Quem vive e sente o lugar é que pode dizer onde ele se encontra e em quais circunstâncias.

Contudo, a praia não é só íntima. Ela é abertura e ponto de partida para a imensidão. A praia é imensidão em si, nas suas formas de concha, de areia, de ondas ininterruptas. Ela é imensidão no compartilhamento das areias pelos corpos diversos. Ela é o adentrar na imensidão do mar. “A paisagem é um escape para toda a Terra, uma janela sobre as possibilidades ilimitadas: um horizonte. Não uma linha fixa, mas um movimento, um impulso” (DARDEL, 2011, p. 31). A paisagem enquanto impulso afeta as gentes. Inspira movimentos que se revelam na pele nua que aprecia o contato.

Michel Collot (2013), escritor das ciências literárias, reflete sobre a paisagem. Ele nos diz: “a paisagem não é apenas vista, mas percebida por outros sentidos, cuja intervenção não faz senão confirmar e enriquecer a dimensão subjetiva desse espaço, sentido de muitas maneiras e, por conseguinte, também experimentado” (COLLOT, 2013, p. 26). A abertura do corpo que expõe a

existência singular e íntima é também a que abarca o fora-nada pelos sentidos. A praia que se revela na interação das gentes, pelos sentidos.

Ainda sobre a paisagem, Collot (2013) afirma a existência de um sentimento que a faz sensível. “O ‘sentimento-paisagem’ (qing-jing), ao qual a poesia chinesa deu uma expressão surpreendente, não pertence ao sujeito nem ao objeto, mas nasce de seu encontro e de sua interação” (COLLOT, 2013, p. 28).

Assim, se de um lado nasce nas gentes os nós [lugares] que as ligam à paisagem, por outro a própria paisagem se desvela em sentimento. A abertura a exposição na paisagem possibilita o desvelamento do ser e a intimidade que faz concha, que se completa na segurança da areia em oposição a promessa de sereia do mar. Já essa promessa, é mesmo o chamamento da paisagem marítima, seu sentimento exposto.

A praia e o mar também podem ser espaços cotidianos. Corpos que habitam tais espaços não estão indiferentes, como se faz crer o costume. Pelo contrário, estão ainda mais expostos a tais domínios. Exposição lenta e desatenta não é ausência de exposição, está mais para uma exposição mais descontrolada. Nos casos em que a praia é o espaço de trabalho, as interações se modificam. Não suporta o corpo no calor o prazer de se banhar e de caminhar pela praia enquanto se exercita, mas a necessidade de se viver sob a intermediação do dinheiro, para comida, casa e qualquer outro serviço. Até mesmo a pesca, que alimenta, pode não ser o suficiente. Quais fantasias as mãos afeitas a pesca hoje sonham?

Esboço de um habitar: corpos e conchas na areia da praia

Em uma praia da Bahia, uma menina e sua avó, vendedoras de mariscos, cantam. Música que as duas compartilhavam desde a coleta até a venda do alimento. Cantavam para chamar os mariscos e cantavam para chamar os clientes. Eram marisqueiras baianas, que cruzam rio até o mangue, mas voltam logo para praia. Mariscos são crustáceos e moluscos (caranguejos, guaiamuns, siris, lambretas, sururu, ostras), sobreviventes dos mangues, essas lamas ricas de vida que vingam nos encontros dos rios com mar. Marisqueiras são ainda pouco reconhecidas em seus trabalhos, que muitas vezes garante a renda da família inteira. A praia aqui é composição de espaços, entre o mangue, o rio e o mar. Para os pés acostumados a vasculhar todo esse chão, o mundo inteiro se expressa ali, materialidades profundas com seus cheiros próprios. O canto que permanece no ar, de um trabalho de corpo presente e de sol, indica vida que explode do corpo exposto. O canto é exposição de existência, que sustenta mesmo com o cansaço.

Acorda de manhã com o sol, segue para as areias e lamas próximas ao mangue. Leva os filhos que não podem ficar para trás, sozinhos. Tem que conhecer a maré, saber quando ir, quando passar e voltar. Com os pés e mãos vasculham as croas, os bancos de areia. Os moluscos e crustáceos maiores são coletados, colocados em sacos e baldes. Os menores retornam para a areia. Deixar os menores é garantia de ter mariscos no futuro. A cata segue a manhã toda, depois é voltar para a casa onde o trabalho continua na fervura dos mariscos em fogão a lenha para retirar as cascas. É só depois que são vendidos. Monteiro et al. (2016) descrevem, assim, o trabalho em uma comunidade de marisqueiras em Canto Grande, Ceará. Trabalho diário, pode ser. Mas compreende também outros ritmos: o das marés e do crescimento e aparecimento dos mariscos.

O trabalho é retirar da praia, depois de fuxicar suas areias e lamas, animais que servem de nutrição para os corpos em sabor de água e lama. O trabalho é ferver, quebrar, cozinhar esses animais nos fogões a lenha das casas. O trabalho é vender esses animais, esses alimentos preparados, nas praias, feiras, praças, bares e restaurantes. As mulheres trabalham em proximidade da praia atendendo ao esquema social do feminino, encarregadas de vigiar e cuidar da prole. A solidão do mar é possível apenas àqueles que têm a vantagem de poderem ficar sozinhos, no esquema das coisas.

A experiência de trabalho à beira-mar estende a praia, inclui nela os outros alagados de rio e mar; mas também estende a água salgada, colocando barrancos e beiras onde o mar se aprofunda para dimensões oceânicas. Muitas vezes, a própria casa e/ou comunidade é trazida para areia. O pertencimento que estende a praia, inclui ela em toda uma dimensão de lugar. O lugar, para Tuan (2013), envolve a realidade associada às rotinas e hábitos, à afeição pelo espaço que se densifica numa experiência cotidiana.

A continuidade que se evidencia do mar para praia para o mangue para o rio para casa é demonstrada também na pele das gentes. Assim também essa experiência de praia deixa suas marcas na pele exposta, seja do sol, do canto ou das risadas. Para essas pescadoras, a experiência da praia é cotidiana no trabalho. Obedece aos ritmos da necessidade, mas também do corpo, da água e dos animais. As marés, o crescimento dos pescados. Tudo isso é saber adquirido pela vivência diária desse lugar. A maneira de se mover, nadar, por onde passar... Nesse sentido, as experiências tornam a praia densa e o corpo marcado em história.

Cristiano Ramalho (2015) descreve o trabalho dos pescadores de mar-de-fora, isto é, mar profundo, da praia do Suape, Pernambuco. Segundo o sociólogo (RAMALHO, 2015), juntam-se os homens, pais e filhos, ou compadres, para dar o quinhão do barco, que segue segundo as marés e as vontades quando o pescador é livre, ou seja, não é empregado por algum patrão. Pescam depois da arrebentação do mar utilizando barcos a motor, diferenciando dos pescadores de mar-de-dentro, que

pescam em rios, estuários e praias. Vai no barco a motor para o mar-de-fora o mestre, pescador conhecedor do mar, das rotas e áreas piscosas, e comandante. Pescando três homens, dividem o quinhão dos peixes em cinco, sendo os outros dois os donos da rede e do barco. Quando o mestre não é dono do barco, quem fica com a parte do quinhão da rede é ele, já que é quem se encarrega.

Vendem os peixes nas feiras ou a um parente, intermediário de outras vendas. Mesmo quem não tem barco pode ser livre, por causa desse quinhão que compartilham os homens que pescam juntos no mar. Homens que votam uns pelos outros, se conhecem de longa data ou mesmo compartilham sangue e família. Diferente de trabalhar para empresas, onde as dinâmicas mudam e também as cobranças. Para esses pescadores, ser cativo é ter a obrigação da pesca, trabalhar para outra pessoa ou empresa, testemunho de outras épocas que ainda ecoam no cotidiano de muitos.

Ramalho (2015, p. 209) explica o ritmo de trabalho do pescador livre a partir de trecho de entrevista feita por ele para tese de doutoramento. “O pescador só quer ir pra maré quando acabou aquele dinheiro que ele ganhou, aí chamam ele de preguiçoso. Mas não é. Só que ele vai quando termina o dinheiro. Ele também não quer gastar o corpo. Aí chamam o cabra de preguiçoso” (trecho de entrevista com seu Gidinha, pescador mestre, 70 anos). Gastar o corpo é questão séria para quem trabalha na exposição da existência em um espaço arriscado, onde a densificação do lugar em experiências deixa suas marcas na pele e no corpo.

Parte da sabedoria do mar vêm de saber quando não ir. Já os preguiçosos, para esses mesmos pescadores, são aqueles que faltam com a comida e a renda para a família. Pois, o mar está lá, com peixes. E mesmo quando não está oportuno, ainda tem o mangue e a praia. Ramalho (2015, p. 210) apresenta essa ideia em outro trecho de entrevista: “Veja só, se ele nada tiver em casa, ele pode ir ainda no mangue e pro mar pegar uns aratus, uns peixinhos e colocar com um pouco de farinha. Já arrumou o que comer. O pescador pode não ser rico, mas fome não passa, não. Só se for preguiçoso” (trecho de entrevista com seu Luiz Augusto, pescador mestre). O trabalho que retira do mar o sustento é praticado segundo ritmos do mar e do corpo que pesca, para suportar a vida de si e da família. É o mar, o rio, a praia que matam a fome.

Como afirmou um dos pescadores mestres, Seu Neneu, é “o trabalho quem guarda minha liberdade. Não sou obrigado a ninguém” (RAMALHO, 2015, p. 205). Assim, não é o corpo em trabalho de pesca, ou a vivência do mar, que garante a liberdade do pescador, mas o fato de não estar empregado em nenhuma empresa ou ter nenhum patrão. O mar não é o espaço da liberdade, nem tampouco a praia. É onde se cansa o corpo para retirar o sustento, regulado pelas marés e necessidades. O próprio desbravamento ocorre pelo barco, que deve ser bem controlado e disposto no

mar. Os corpos desses homens precisam suportar a linha, as redes, os arpões. A liberdade que se conquista no mar está no trabalho autônomo, ou associado com companheiros.

A praia aqui aparece, antes, como complemento para o sustento que o mar propicia, extensão produtiva. Andrade (1964, p. 139-140) afirma que, se o regime de trabalho da pesca tem um ritmo próprio, é “porque depende muito do tempo e porque, na praia, a alimentação é facilmente encontrada nos mangues que ficam por trás das restingas. Aí são encontrados, em grande medida, os caranguejos, crustáceos que dão excelentes pratos”. É a riqueza da praia que permite a dinâmica de trabalho dos pescadores, pois sustenta quando o mar não está propício, ao corpo ou ao barco. Mas a praia não é só isso. Ela é lugar, extensão de casa, para quem vive na beira-mar. Nesse sentido, as gentes pertencem também a ela.

O historiador Luiz Geraldo da Silva (1993) descreve e caracteriza a prática da pesca da tainha por uma comunidade caiçara do litoral norte de São Paulo, buscando identificar as mudanças advindas com a modernização. Segundo ele, a pesca da tainha acontecia a partir do cerco dos cardumes pelas pessoas e através do uso da rede. Ela acontecia, portanto, na veia d'água, na praia. Não adentrava o mar. Era na areia que sentava o vigia, a observar quando a água se movimentava com a passagem dos peixes. Avistados, lançava mão de um aviso para chamar os pescadores. A prática combinava a necessidade de se vigiar as águas, o cerco do cardume por todas as pessoas que pudessem participar e, por fim, a pesca com rede. A vivência da praia indicava os cardumes que furavam a rotina, reuniam as gentes. O trabalho à praia era complementar, contudo. A comunidade detinha-se no cultivo da terra e na floresta. Eram pescadores agricultores, cuja atividade de pesca da tainha, entre outros peixes, era ancilar, subordinada à agricultura. Possuíam, ainda, uma relação muito íntima com a floresta, a Mata Atlântica, retirando dela alimentos, madeira e produtos vegetais em geral para construção de casas e barcos, utensílios domésticos, produção de medicamentos e equipamentos para pesca. Eram, em grande medida, regulados pelo tempo natural do cultivo, em um calendário que intercalava o plantio, a pesca e a coleta. A pesca da tainha

... para a felicidade do caiçara, coincidia com o período de menores disponibilidades da produção agrícola. Em agosto, quando as tainhas vinham desovar nos rios de água doce e enseadas de Ubatuba, os campos estavam sendo preparados, ou queimados para as novas sementeiras ou plantações das ramas de mandioca. (DA SILVA, 1993, p. 23 – trecho de entrevista com Marcílio de Ubatuba)

É na época da chegada dos grandes cardumes que acontecia a maior festa religiosa dos caiçaras, do Divino Espírito Santo. Festa que era marcada amplamente pela noção de agradecimento. Eram intensamente realizados musicais e dançadas, com destaque para o uso de violinos e rabecas, bem como de toadas, maneira de cantar que se aproxima de moldes europeus.

Para os caiçaras, o mar adentrava as festas e a própria comunidade a partir da pesca na praia. "Terra e mar constituíam um referencial único para o caiçara, a base sobre a qual se assentava todo o seu modo de vida. Assim, não só a terra, mas também o mar era referenciado em cerimônias, canções e festas propriamente ditas" (DA SILVA, 1993, p. 65). A praia trazia a abundância, para além da complementaridade. A floresta e o cultivo do solo eram as noções corriqueiras, os alimentos diários. Com a pesca no mar-de-dentro, os recursos se excediam em festas e agradecimentos.

Da Silva (1993, p. 21) afirma, sobre os pescadores, "que se contentam com a pesca de um só dia quanto baste para a carne, a farinha do dia seguinte, gastando o resto da semana em jogar, tocar violas pelas praias, etc.". Essa relação com o trabalho indica um modo de vida em que outros aspectos são tão ou mais importantes, como o desfrute, o descanso ou as festas.

A praia é lugar de trabalho, mas também de festa e desfrute. Por isso, é todo um modo de vida, uma fonte de identificação para uma comunidade. Um pertencimento que adentra o sangue e, por isso, vira música e fé. No vislumbre das experiências de trabalho na beira-mar, começamos a adentrar uma noção da praia como lugar denso - tecido forte cujos nós de lugar uniram -, para além do que nos indica a vivência perceptiva dessa paisagem. A praia como lugar suporta a vida das gentes, em seus alimentos e trabalhos, que não só permanecem nela como pertencem, num sentido identitário.

Da Silva (1993) descreve a interação dos jangadeiros com a pesca e, indiretamente, com a praia, reforçando essa noção da praia como lugar de vida e pertencimento das gentes. Os jangadeiros são pescadores que habitam os litorais do nordeste brasileiro. Viviam na praia, valorizando essa proximidade com o mar. Por causa do chão arenoso, não plantavam nada além de uma pequena horta de temperos. Os jangadeiros pescavam no mar aberto, muitas vezes próximo às "paredes", no mar de fora, bordas das plataformas continentais, onde o mar se encaminha para profundezas maiores de oceano. Pescavam de linha, corso ou corrida e com covo. O calendário de pesca variava em função das condições do mar. Da Silva (1993, p. 72) afirma que "os pescadores nordestinos pescam de setembro a março, evitando, desse modo, o tempo de chuvas, que vai de abril a agosto. Neste período, as lufadas de vento, os rebojos e as tempestades impediam o regresso à terra, viravam jangadas, etc.". Com suas festas religiosas, de influência católica, mas dedicadas aos Santos, acontecendo nesse intervalo, adquiriam um caráter de ritos de fertilidade que consagravam uma época de dificuldade para uma de bonança. Os jangadeiros possuíam, ainda, uma identidade claramente praiana. Eram chamados "gente da praia", em oposição à "gente da rua", nas festividades de carnaval e nas disputas de futebol. Dançavam o coco de praia, que soava em tambores e improvisações próximas aos ritmos africanos.

Aproximações em conflito: praia lugar x praia mercadoria

É claro que as exigências do mercado atingem e mudam também essas relações. O que antes era um modo de vida, hoje é outra coisa. A praia se desgasta no abuso do trabalho em massa, se engessa na venda superficial de sua paisagem.

Um caso dos mais marcante talvez seja o dos pescadores. Quando os pescados diminuem, perdem a qualidade, a competição se acirra com quem produz em largas quantidades, o que diminui a capacidade de alimentar uma família a partir do trabalho no mar. Praticar um trabalho que é um modo tradicional de vida se torna um fardo perto das dificuldades impostas. A praia, que antes era casa e trabalho, era meio de sobrevivência e festa, passa a ser um sonho perdido. Diversas comunidades tradicionais que vivem em uma interação singular e própria com esses espaços estão se dissolvendo e modificando, muitas vezes impossibilitadas de viver da forma como tem vivido há anos. As mudanças em si são tão drásticas quanto a impossibilidade de permanecerem nesses lugares em que construíram toda as suas histórias e vidas. Sobre a praia perdida, há de se fazer maiores pesquisas.

O que se vislumbra a partir da areia da praia são duas possibilidades de trabalho: o primeiro, sempre presente, se revela nas mãos sulcadas do trabalho da pesca, das marisqueiras, das vendas, da produção de alimentos. Essa possibilidade de trabalho praiano se relaciona com todo um modo de vida, com a praia vivida enquanto lugar. Muitas vezes possuem como público os turistas, mas não são os fins que envolvem a praia aqui. A praia é o meio, pois é nela ou próximo a ela que ocorre a coleta e a pesca de elementos marítimos, ou a venda do serviço que permite a sobrevivência. A vivência pelas gentes do trabalho na praia, que é lugar, tem muitas vezes raízes nos povos tradicionais, indígenas, de origem africana, entre os inúmeros que os constituem.

Contudo, mesmo o trabalho da pesca é cooptado pelo sentido industrial, produção forçada de animais em tanque, captura em grandes grupos por redes, intensivo, desgastante e incapaz de sobreviver por muito tempo. “Cativo”, o pescador responde a um tempo que não é da maré nem do corpo, labuta em um esforço que o impele ao desgaste e a morte. Aqui a praia não é o sonho perdido de quem foi obrigado a se afastar, subir serras, adentrar sertão. É recuperada na presença em trabalho, mas não mais no mesmo sentido anterior. O que se vende não é o peixe, nem se recebe seu quinhão. Os pescadores vendem a sua própria capacidade de trabalhar, e num ritmo que não permite o descanso do corpo, antes o desgasta.

A praia é o espaço do batente, os barcos são solos de homens que trabalham na pesca de grandes quantidades, entretanto desse peixe não se vê sabor. O que ganham é salário, tabelado, não pescaria (MALDONADO, 1986). O mar passa a ser o local do trabalho, mas não do sustento e vida. Assim como o corpo labuta nesse espaço, poderia fazer em outro. A imaginação e a fantasia que

rodeia e interpela as inconstâncias e forças próprias do mar, que antes virava dança e fé, agora sobrevive fracamente nos trocadilhos e avisos do pescador mais velho. A praia e o mar como locais de um trabalho que desgasta não só o corpo mas também a paisagem, até o ponto de quase morte, se revela como a segunda possibilidade. A praia como produto, onde ela é usada até a quase exaustão, seja na produção de alimentos ou na venda imobiliária, que gera lucro na sua comercialização.

O turismo praiano corresponde a uma comercialização e venda da praia e do mar, da venda da possibilidade do prazer do seu desfrute. Mas é sempre uma venda temporária e fugaz àqueles que compram. O que significa vender a apreciação de uma paisagem, mesmo que temporariamente? Aos turistas, pode significar o desfrute, a possibilidade de exposição e desvelamento. Mas há aqueles que voam mais alto, cujas vendas e compras não cabem em qualquer bolso ordinário. Esses poucos operam em outros níveis: na venda da propriedade da praia (exclusiva), na especulação imobiliária que encarece os preços de tudo e gera lucro sem nem um produto trocar de mãos, nas mansões à beira-mar, na invasão (tão velha e constante) de europeus que adquirem grandes extensões litorâneas para construir hotéis gigantescos que mal sobrevivem, nas indústrias de petróleo e na produção em massa dos pescados.

A antropóloga Simone Maldonado (1986) atesta a influência desarticuladora das cadeias hoteleiras e empresas imobiliárias.

As áreas de praia onde geralmente estão situadas as comunidades de pesca artesanal tem sido ocupadas por empresas imobiliárias, turísticas e hoteleiras, o que afasta o pescador do contato sistemático e frequentemente com o mar, elemento imprescindível à formação individual e à reprodução do grupo. Esse tipo de intervenção no espaço também contribui grandemente para a desarticulação dos grupos e marginalização do pescador. (MALDONADO, 1986, p. 44)

O que permanece nessa segunda possibilidade de trabalho é a valorização da praia enquanto produto principal, às vezes sugado até o descarte final. Transformar a praia em produto pode trazer inúmeras medidas para incrementar sua vivência, sem que esta passe pela própria essência praiana. É fazer do lugar de intimidade, que é a praia por si só, uma quimera, algo entre o que é e o que se quer vender. Tentar pintar uma paisagem outra por cima do tecido do espaço real. Escondem-se os moradores, os usos cotidianos da praia, em função de um desfrute irreal. Ocorre, inclusive, uma aniquilação dos riscos, dos perigos e da vulnerabilidade que é inerente à configuração praiana de um lugar à beira-mar, muitas vezes com o próprio isolamento da praia, agora exclusiva. Existem praias privadas, reservadas apenas a um ou poucos que podem pagar. As praias de desfrute exclusivo não são curtidas em vulnerabilidade, mas em propriedade. Mas quem curte propriedade não curte a praia em si. Porque a praia, que é íntima e lugar, existe para além da apreciação sensível da paisagem.

Nesse sentido, as praias mais bonitas e isoladas enchem olhos e bolsos. Exclusividade de desfrute é em si uma moeda. Como afirma o geógrafo Élisée Reclus: “À beira-mar, as falésias mais pitorescas, as praias mais encantadoras também são em muitos lugares açambarcadas por proprietários invejosos ou por especuladores que apreciam as belezas da natureza à maneira dos cambistas avaliando um lingote de ouro” (RECLUS, 2010, p. 86). A paisagem é apreciada na medida do lucro que pode gerar a sua venda. Venda temporária ou exclusiva.

A praia como mercadoria ou produto também é experiência do trabalho à beira-mar. Em alguns casos, ela é drenada até a exaustão, na produção de pescado em massa ou na instalação de indústrias de extração de insumos, como petróleo, areia, minerais etc. Sobre isso, Santana et al. (2015) atestam as consequências para comunidades marisqueiras do litoral de Sergipe dos usos e abusos da beira-mar.

o estudo identificou que os ambientes de trabalho das marisqueiras vêm sendo palco de inúmeras alterações ocasionadas tanto por atividades produtivas (indústria do petróleo, carcinicultura, turismo, especulação imobiliária, dentre outros) quanto pelos produtos derivados destas atividades. Segundo as marisqueiras entrevistadas, tais mutações têm ocasionado dentre outras variáveis: a redução de suas áreas de trabalho, consequentemente o sufocamento da atividade – acarretando a progressiva retirada das mulheres da atividade de captura em algumas comunidades – ou mesmo a inserção em áreas circunvizinhas – sobrecarregando o ambiente marinho destas –; a diminuição do quantitativo de mariscos; poluição e a instauração de conflitos de terra (espaço). (SANTANA et al, 2015, p. 5-6).

Santana et al. (2015) demonstram como a praia como mercadoria leva a uma exaustão que expulsa as gentes, afetando comunidades de marisqueiras cuja interação com a beira-mar garante não apenas a sobrevivência, mas o sustento em muitos sentidos, tais como do trabalho, da festa, da fé, da identidade. Os conflitos de terra se instauram, então, em função da divergência entre as essências espaciais que conectam as gentes à beira-mar. A praia como lugar não admite as mesmas interações que a praia como mercadoria. Para os olhos que aspiram lucro, nenhuma paisagem é verdadeiramente sentida, nenhum lugar é íntimo. Sobre esse espaço que é mercadoria, Mariana Albuquerque (2011) afirma:

a utilização do espaço já surge, além da função de uso, com o intuito de obtenção de lucro, possuindo um valor de troca, realizando-se pela mediação do mercado, com a compra e a venda da terra. Até então o espaço era apenas o meio de produção, onde as mercadorias eram produzidas, e não como um objeto de troca com valor agregado. No entanto, o espaço passa a não só conter mercadorias, como ser a própria mercadoria (ALBUQUERQUE, 2011, p. 3)

A praia tem valor em si, a partir das empresas imobiliárias. Mas também na exploração dos recursos que reúne na sua materialidade. O olhar da mercadoria não atenta para seus arranjos sensíveis, suas assimilações carnis, mas antes para como é possível usá-la em ordem de gerar o lucro.

A praia enquanto mercadoria e/ou produto evidencia uma essência espacial pouco discutida pela geografia humanista, embora amplamente difundida em outros contextos. Nesse sentido, temos, por exemplo, a dissertação de mestrado de Daniel Ramos (2009), na qual o arquiteto explora as origens da praia enquanto mercadoria na região metropolitana de Vitória, Espírito Santo. Adentrando, porém, uma outra nuance dessa essência espacial, podemos nos perguntar acerca do que ela presentifica. Seus sentidos e significados incluem uma degradação e exaustão do espaço, que mesmo com sua resiliência intrínseca pode chegar a uma situação de crise; a expulsão das gentes que vivem aí, evidenciando uma situação de risco ou até de exílio, quando da impossibilidade de habitá-lo.

Por fim, o trabalho turístico na beira-mar não é apenas algo de pernicioso, embora a lógica capitalista sob a qual opera o seja. Existem inúmeras maneiras de se comprar um trabalho turístico, assim como existem milhares de pessoas que sobrevivem a partir dele. Essa dimensão envolve todos aqueles que estão esperando no litoral pelos turistas que os pagam, seja lá qual for a função. Pescadores sobrevivem próximos ao mar, muitas vezes, ao diversificar suas atividades de trabalho e vida, adicionando a possibilidade de vender passeios turísticos pelo mar, tão conhecido, ou pela venda de seus pescados na praia aos bares e turistas. São diversas as formas de sobrevivência no lugar. Assim, nos deteremos mais um pouco aqui, articulando novas profundidades.

Da praia paisagem ao lugar das gentes do mar

Para as gentes do mar, a praia é o lugar de morada. Essa morada pode ter sentidos de comunidade, família, identidade etc., sendo sempre o primeiro solo de existência depois do mar. Sendo assim, as relações de trabalho na praia raramente permanecem na praia, adentrando as águas que banham rotineiramente as areias para além destas. As relações de trabalho que chegam a praia vão até depois das “paredes”, dos “barrancos”, do mar de dentro. Essa divisão do mar é presente, variando os termos, entre as comunidades litorâneas, demonstrando duas maneiras de se trabalhar nas águas salgadas, que cumprem rotinas diferentes, com suas dinâmicas, instrumentos e sentimentos específicos.

O corpo que pesca na croa arrasta os pés e curva as costas. O corpo que pesca na veia d'água cerca o peixe, braços abertos, olhos vivos e águas no joelho. O corpo que pesca mergulhando na água segura o fôlego e se lança para baixo, vasculha o chão habitado do mar em busca de suas presas. O corpo que pesca em alto mar vai sentado no barco, testa as águas como quem quer conhecer suas profundezas, segura linha e rede e quem se lança é as costas para trás enquanto o braço vai para frente.

“Não se seque. Vamos mergulhar outra vez. Tem lugar para lá”, indica com as mãos um velho pescador. Reconhece os lugares em meio ao vasto mar. Qual a referência em meio ao azul disparatado da água que segue até o horizonte, reflexo de um céu ainda mais claro? Como saber para onde seguir, onde virar, como retornar? Michel Serres (2001) nos fala do saber se localizar em alto-mar.

Assim íamos a Saint-Pierre: siga em direção ao sol poente enquanto determinada algazinha flutua, vire um pouco à esquerda, quanto tudo fica muito azul, não tem como errar, há paragens preferidas pelas belugas, aquelas onde uma forte e constante corrente sempre leva para o norte, aquelas onde o vento dominante sopra abaixo, em pequenas lufadas, onde a onda passa, sempre curta, depois, o imenso quadrado azul, em seguida o local onde cruzamos com a rota dos grandes cargueiros, quando os vimos, o primeiro banco de peixes está lá, ao vento. Sulcado, às vezes, pelas lontras. (SERRES, 2001, p. 256)

O saber vem das andanças de corpo e barco, cotidianas. O barco sulca a água com o casco, o corpo a penetra em silêncio. Suas formas se gravam, as cores mais escuras das águas, as presenças dos animais e plantas, os corais, as fossas, os movimentos das correntes. Para que lado corre o sol, para qual deve correr as gentes. O céu logo diz para onde fica a casa.

“Pescar é uma questão de sorte. E paciência. Se você não tem paciência, não é pescador” diz um pescador mais velho. Paciência, pois quem regula os movimentos não é o corpo, nem o barco. O mar tem sua cadência própria. Tem seus humores, suas vontades. Um dia se pesca muito, em outro nada. Num dia se faz sol, no outro tempestade. A chuva confina os homens a casa. Ameaça de mal tempo é risco sério para quem manobra barco em alto-mar.

A paciência cresce com suas doses de sabedoria. Para alguns, o mar é até força maior, entidade característica: “o velho pescador pensava sempre no mar no feminino e como se fosse uma coisa que concedesse ou negasse grandes favores; mas se o mar praticasse selvagerias ou crueldades era só porque não podia evitá-lo” (HEMINGWAY, 2002, p. 32). Conviver com o mar é um tipo de experiência própria e arriscada. Vasto e imenso, ele também é selvagem, cruel aos olhos das gentes que sofrem seus humores. Mas não só isso. A possibilidade de se aventurar no mar sozinho proporciona ao tipo que busca a solidão um prazer específico. Sozinho, mas envolvido por sensações e refém de um movimento que não é o seu próprio. O mar se coloca então como uma companhia inescapável.

O trabalho como parte da sabedoria do corpo que vive no mar, refém de outras cadências, se completa na chegada da noite, que traz consigo o descanso e a possibilidade de um se aninhar a salvo. A presença do mar é certa e nunca silenciosa. Já o corpo pronto é vivacidade e completude, é testemunho de sabedoria de mar e simplicidade das gentes.

Frente a imensidão e as forças do mar, o barco, a canoa, a jangada etc. podem se tornar um canto abrigado. “Pois o recanto do barco não é um canto do ser?” (BACHELARD, 1978, p. 288). O barco segue como uma extensão do corpo, da casa, destacável, vulnerável e exposto, como a pele das gentes que carrega. Ele se lança ao mar, atesta riscos e coragem. Tem, também, seus limites. “Embora o mais belo dos objetos saídos das mãos humanas e também um pouco sagrado, um barco nunca constitui mais que uma casca de lata que o sol incandesce no exterior e abrasa no interior” (SERRES, 2001, p. 321). Exposto em sua existência de corpo-fora, o barco é vulnerável, perna dobrada, corpo em movimento propagado. Quase sagrado, pois comporta gente a se perder no mar, mundo absurdo e misterioso. Esquenta e esturrica, faz pouco no aperto da sede. Desidratação é um mal forte e irônico desse mar, todo improvável. Faz algum sentido o contentamento em sair dele. “Eu canto o contentamento que um barco dá ao atingir o porto depois de ter aplainado o oceano como a uma prancha áspera, o prazer delicioso do estrangeiro em cuja vizinhança adormecemos no familiar” (SERRES, 2001, p. 284).

O familiar é o chão firme. A praia é ponto de partida para o mar, mas também é chegada. O barco que se lança da praia a cruzar mar é carne vulnerável. É mais corpo do que praia. É canto do ser, corpo aninhado em si, mas faz abrigo precário frente os humores do mar, sua selvageria e crueldade, imensidão na qual somos todos estrangeiros. O barco pode comportar sentimentos de afeto, afinidade, companheirismo. Mas na vulnerabilidade que o faz solo dinâmico, pode provocar a raiva e o desespero em caso de falha e fratura. Por isso, também é preciso cuidado.

Nesse sentido, a paisagem de mar é inescapável. É no corpo sensível a ela, suas formas, vidas, texturas, sabores e cheiros, que o visceral adentra os poros e a casa, com seus caminhos de barco, e a água, seus lugares, são redescobertos em uma nova ligação sensível. O cotidiano do lugar já adormece, em práticas e atividades, os olhos e o corpo dos mais velhos. Acostumados, só recuperam sua beleza na noite que cai, na solidão. O trabalho da pesca ocupa todas as frestas.

A intensidade de ser, gente e paisagem, tem suas correspondências na pele, que é exposição e vulnerabilidade. A casa que logo se torna um lar tem suas expressões sensíveis na essência de lugar. Já o lugar, esse tem seus entranhamentos no corpo. Assim como a paisagem. Duas grandezas em troca intensa, corpo e paisagem, densificadas no cotidiano que afeta e faz abrigo, confiança.

Serres (2001) nos diz: “A alta antiguidade da paisagem, cem vezes modelada por forças inertes, cultivada milenarmente por seus paisanos, pagã, olha-nos vê-la num formidável silêncio” (SERRES, 2001, p. 253). Assim o mar nos eclipsa em seus movimentos. Seus sons revelam um silêncio distinto. Os pescadores nos barcos se lançam em meio a essa paisagem, degustam-na no corpo e retiram dela seu sustento. A exposição do corpo a paisagem, porém, o desgasta, pois exige

suas percepções, seus sentidos. Modelada por forças inertes, a paisagem tem seus mistérios de criação constante; tem também resiliência própria. Suas transformações podem matar as gentes, suas formas de vida própria, mas testemunham apenas outra nuance da sua existência. As paisagens continuam.

O silêncio do mar traz suas mensagens próprias. O mar é intragável. O corpo entra em fobia na sua vivência demasiada. Entretanto, como seria de se pensar, as gentes não são indiferentes a ele. Muito pelo contrário, habitam em fantasia e imaginação, faz dele o cemitério de seus mortos, o lugar de onde retiram seu sustento, a carne que nutre. A fobia do espaço vem da impossibilidade do corpo, mas inaugura uma conexão. O lugar é o corpo que experimenta mar, é o barco que suporta a pesca, é casa de palafita em que as intimidades acontecem e revelam as gentes. O mar é paisagem, sensível e sensual. O fora-nada dos fora-dentro que o habitam.

Serres (2001) nos traz novamente numa apreciação da paisagem. Diz: “A paisagem, ao levitar, nossos corpos, ao nascerem, descobrem-se no lugar: obra comum de quem vê e do vinhadeiro que, há dois mil anos aqui, prepara o visto, paraíso entre dois rios” (SERRES, 2001, p. 254). A conexão entre os dois lados de fora do corpo transitam paisagens e lugares. Os corpos nascem, a paisagem... levita? Levitação é o “ato de levantar o corpo pelo simples poder da vontade” (LEVITAÇÃO, 2017). A paisagem que levita os corpos, segundo suas vontades, sustento e interação é descoberta no lugar que habita as gentes, corpos nascidos. Essa conexão é o paraíso entre os dois rios, sensação e sensível, que fluem conjuntamente.

Nesse sentido, é possível concordar com o filósofo: “A paisagem reúne os lugares” (SERRES, 2001, p. 246). Mas as formas como essa reunião acontecem, como o tecido de fora se torna tecido de fora-dentro, pois estende sua exposição em desvelamento, são variadas. A vivência de uma paisagem canaliza a potencialidade de um lugar, na intimidade. Ou, talvez, num nó: pertencimento.

Referências

- ALBUQUERQUE, Mariana Zerbone Alves de. O espaço-mercadoria: objeto político e estratégico na reprodução do capital. *Revista Geográfica de América Central*. Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica, II Semestre 2011. pp. 1-12.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Coleção os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BOTTON, Alain de. *A arte de viajar*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.
- COLLOT, Michel. *Poética e filosofia da paisagem*. Organização da tradução: Ida Alves. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013. 204 p.
- CORBIN, Alain. *Território do Vazio: A praia e o imaginário ocidental*, São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. (Trad. Werther Holzer). São Paulo: Perspectivas, 2011.
- FERNANDES, Andrei. O rosto de Iara [popularium 3]. [Áudio Online]. Disponível em: <http://www.mundofreak.com.br/2017/06/12/popularium-03-o-rosto-da-iara/>. Acesso em: nov. 2020.

- HEMINGWAY, Ernest. *O velho e o mar*. (Trad. Fernando de Castro Ferro). 51ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- IKIMAERA, Witi. *Encantadora de baleias*. São Paulo: Barany, 2012.
- LEVITAÇÃO, 2017. Dicio, Dicionário Online de Português, 15 de junho de 2017. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/levitacao/>. Acesso em: nov. 2020.
- MALDONADO, Simone Carneiro. *Pescadores do mar*. São Paulo: Ed. Ática, 1986.
- MATTOS, Vicente; DINOEL; VELLOSO, Arlindo. Lenda das sereias – Rainhas do mar. [samba-enredo - Império Serrano] Rio de Janeiro: 1976.
- MONTEIRO, Vitória Vanessa da Silva; OLIVEIRA, Andréia Cristina Sousa; SILVA, Francisca Natalia Neres da; SANTOS, Fabrício Freitas dos. O trabalho das mulheres marisqueiras e o processo de valorização na sociedade brasileira: caminhos à percorrer. Anais... III CONEDU – Congresso Nacional de Educação. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2016/TRABALHO_EV056_MD1_SA2_ID5348_17082016210859.pdf. Acesso em: nov. 2020.
- NANCY, Jean-Luc. *Corpo, fora*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.
- PÁDUA, Letícia Carolina Teixeira. *A Geografia de Yi-Fu Tuan: essências e Permanências*. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. – São Paulo, 2013.
- RAMALHO, Cristiano W. N. A desnecessidade de trabalho entre pescadores artesanais. *Revista Sociologias*. Ano 17, nº 38. Porto Alegre, jan/abr 2015. p. 192-220.
- RAMOS, Daniel da Rocha. *A invenção da praia e a produção do espaço: dinâmicas de uso e ocupação do litoral do ES*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2009.
- RECLUS, Élisée. *Do sentimento de natureza nas sociedades modernas*. Org. e Trad. Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Expressão & Arte: Editora Imaginário, 2010.
- SANTANA, Sheyla Zacarias da Cruz; LOUREIRO, Carlos Frederico; ALMEIDA, Tamires Barros de. Mulheres marisqueiras: uma categoria “às margens” das políticas públicas. Anais... VII Jornada Internacional Políticas Públicas. 25 a 28 de agosto de 2015. São Luís, MA: 2015. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo9/mulheres-marisqueiras-uma-categoria-as-margens-das-politicas-publicas.pdf>. Acesso em: nov. 2020.
- SERRES, Michel. *Os cinco sentidos*. Filosofia dos corpos misturados. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2001.
- SILVA, Luiz Geraldo Santos da. *Caiçaras e Jangadeiros: cultura marítima e modernização no Brasil*. São Paulo: CEMAR/Universidade de São Paulo, 1993.145p.